

dade, que deverá ser cada vez maior no futuro para que se mantenha. Não há caminho plausível para a simplicidade. Pela interligação de causas, pela busca constante da unidade em face da diversidade superficial, as explicações científicas modernas valorizam mais a profundidade que a amplitude. Uma teoria profunda e limitada pode pouco a pouco tornar-se profunda e abrangente, e isso é freqüente. Com uma teoria ampla e superficial, nunca acontece.

Não sabemos ao certo o que pensar sobre os que deram origem às primeiras Teorias de Tudo mitológicas. Tendemos a supor que eram realistas, tendo portanto sido, em sua descrição do mundo, na pior das hipóteses, tolos e, na melhor, equivocados. Mas, embora seja indubitável que a maioria de seus ouvintes tomavam essas histórias ao pé da letra — e na verdade muita gente em nossos dias sustenta concepções similares —, deve ter havido outros que viam nelas apenas imagens de alguma verdade inatingível, ou cínicos, que as encaravam como fábulas úteis ou conselhos para a manutenção do *status quo*.

Não devemos, porém, relegar os criadores de mitos e seus objetivos às névoas miasmáticas do passado: é preciso lembrar como o desejo de completude da explicação persistiu ao longo dos séculos. O exemplo mais notável é o dos medievais, com seu desejo livresco de codificar e ordenar todas as coisas do Céu e da Terra que conhecemos ou podemos vir a conhecer. Grandes sistemas, como a *Summa* de Tomás de Aquino ou a *Divina comédia* de Dante, buscaram unir todo o conhecimento existente numa unidade labiríntica. Tudo tinha seu lugar; tudo tinha um sentido. Como S.C. Lewis observa, tudo era também um tanto sufocante:

A imaginação humana raras vezes tivera antes um objeto tão sublimemente ordenado como o cosmo medieval. Se ele tem uma deficiência estética, talvez seja, para nós que conhecemos o romantismo, uma atmosfera ordenada demais. A despeito de seus vastos espaços, poderia acabar por nos afligir com uma espécie de claustrofobia. Não há nada de nebuloso em parte alguma? Nenhum atalho por descobrir? Nenhuma penumbra? Não podemos nunca realmente escapar dele?

E, assim como os povos primitivos descobriram que a unidade e a completude levavam a uma enorme e desajeitada colcha de retalhos de alianças duvidosas, de tal modo que tudo pudesse encontrar um

lugar, assim também o desejo dos medievais de harmonizar todo o conhecimento numa Teoria de Tudo tornou-se incontrolavelmente complicado. Se a mente primitiva enfrentava o desafio da completude pela invenção imaginativa e deparava então com o problema de enfiar todas essas imaginações, a mente medieval foi aprisionada por seu respeito pelos livros e autoridades existentes. Atribuía às palavras escritas herdadas dos antigos filósofos a mesma autoridade máxima que os físicos atuais conferem à prova experimental. Mas já o grande número dessas autoridades escritas fazia necessariamente de qualquer tentativa de unificação de seu pensamento filosófico uma vasta empreitada. O século XX tampouco está imune a tais desejos. Basta considerarmos os problemas que foi preciso enfrentar no tocante à definição e ao significado da matemática nas proximidades da virada do século. Os formalistas desejavam proteger a matemática contra o paradoxo, fazendo dela um domínio fechado: definiram-na pela soma total de todas as deduções lógicas feitas pelo uso de todas as regras possíveis de inferência a partir de todos os pressupostos iniciais possíveis. Como veremos num capítulo posterior, essa tentativa de entrar todas as conseqüências matemáticas possíveis mostrou-se inviável. O desejo de completude não poderia ser realizado nem mesmo aí, no mais formalizado e controlável império de conhecimento. Essa ânsia moderna pela completude desenvolveu-se junto com o desejo de um quadro *unificado* do mundo. Ao passo que os antigos se contentavam em criar muitas divindades menores, cada uma com um papel na explicação da origem de coisas particulares, mas podendo freqüentemente conflitar entre si, o legado das grandes religiões monoteístas é a expectativa de uma explicação singular e superabrangente do universo. A unidade do universo é uma expectativa profundamente arraigada. Uma descrição do universo que não seja unificada em sua formulação, mas fragmentada em pedaços, convidaria nossas mentes a ir em busca de um outro princípio, que os relacionasse a uma única fonte. Mais uma vez, percebemos que essa motivação é essencialmente religiosa. Não há razão lógica para que o universo não contenha elementos irracionais ou arbitrários que não se relacionem com o restante.